

“Duas Comédias”, de Luísa Costa Gomes

# COMÉDIAS COM CARROS

**H**á, sempre houve, na dramaturgia de Luísa Costa Gomes — “Nunca nada de Ninguém”, ed. Cotovia, 1991; “Ubardo” e “A Minha Austrália”, ed. Dom Quixote, 1993 — um ou outro elemento do “nonsense” e do chamado teatro do absurdo. “Um Filho”, o primeiro dos textos do volume “Duas Comédias”, gira à volta duma personagem que tem o seu quê de kafka-beckettiano: um estranho-indesejável, que se instala em casa duma família e que esta acolhe por não ter coragem de o pôr no olho da rua.

A insólita situação torna-se cómica graças ao humor finíssimo do cabeça-de-casal que se chama Heitor Rossetti. “O número de pessoas que, neste preciso momento, em todo o mundo, está a pensar no número de pessoas que, neste preciso momento, em todo o mundo estão a pensar é muitíssimo enorme”, diz ele nas págs. 61-62), um discurso que a dona de casa — que não tem grande sentido de humor — acha tão disparatado como o do estranho hóspede.

O texto oscila, pois, entre várias formas de humor. Humor inglês (sinónimo de “nonsense”), também, visto que esta comédia foi originalmente escrita em inglês, em 1985, como

informa uma nota prévia, na pág. 9 do volume. E, a esse respeito, a escritora informa que “não se trata de uma tradução”, mas de “uma nova versão” em que procura “tornar credíveis as situações, as personagens e o diálogo num contexto português, e isto dentro dos limites próprios de uma peça que vive num ambiente de nonsense”.

A medida que se lê, impõe-se, no discurso do dono da casa, o tema e do trânsito e dos automóveis. Tanto que, dentro de meio século — quando a praga do automóvel e do trânsito tiverem sido banidos da face da terra — os nossos tetaranetos vão sorrir ao ver e ao ler esta comédia, que tem o seu momento mais alto na narrativa, feita por Rossetti, de uma autuação por ter virado à direita na Avenida da Liberdade. Narrativa que começa na pág. 40 e se prolonga por cinco páginas.

Os carros (e os polícias) voltam a ser protagonistas na segunda das “Duas Comédias”, que se intitula “A Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante”. É uma dezena e meia de monólogos que a autora escreveu por encomenda do actor José Pedro Gomes. Há 15 personagens e um casamento. Um noivo, um funcionário do Registo Civil, um motorista, um padre, um pa-



BRUNO PORTELA / ARQUIVO

drinho, um polícia e vários familiares, conhecidos (e desconhecidos) do noivo e da noiva têm cada um o seu “sketch”, sendo o primitivo projecto de J. P. Gomes interpretá-los todos, um por um. Projecto não muito praticável, pelos vistos. As reticências entre parêntesis (...) mostram que o texto publicado é uma versão resumida do original.

Também aqui o carro se impõe, não como acessório mas como personagem. No monólogo do motorista, como é óbvio (pág. 113), há um espadalhão e uma viagem louca por Lisboa. Aventura com carros é a do primeiro marido da noiva (pág. 123), obrigado a aceitar a boleia dum burro, após uma avaria do seu carro acabado de comprar. Manifesto contra os carros é o monólogo do dono da frutaria (pág. 133) ao ver passar o espadalhão dos noivos. O pai do noivo (págs. 148-149) também tem estórias de trânsito para contar.

Tanto estes 15 “sketches” como a primeira comédia têm, enquanto textos, a sua piada. Seriam ainda mais agradáveis de ler se não fossem os muitos parêntesis e didascálias com que a autora procura — e está no seu direito — influenciar os prováveis futuros encenadores. ■

MANUEL JOÃO GOMES



Título: **Duas Comédias**  
 Autora: Luísa Costa Gomes  
 Editor: Relógio de Água  
 170 págs., 1600\$00.